

**Um olhar
epistemológico para o
signo em Bakhtin e
Vigotski:
contribuição para a
pesquisa
contemporânea da
Linguagem na
Educação**

A epistemological gaze
for the sign in Bakhtin
and Vygotsky:
contribution to the
Contemporary Language
research at education

Júlio Flávio de Figueiredo Fernandes
profjuliofernandes@hotmail.com

Edson Nascimento Campos
edncampos@terra.com.br

Mauro Giffoni de Carvalho
maurogiffoni@yahoo.com.br

Universidade do Estado de Minas Gerais

Resumo

O texto se propõe a oferecer elementos que subsidiem um melhor entendimento da função do signo na constituição dos fundamentos epistemológicos do trabalho de Vigotski e Bakhtin. Pretende-se uma reflexão que saliente a importância da investigação desses dois autores para o campo da Educação, tanto nas questões pontuais, tomadas como objetos de pesquisa dos desafios educacionais em suas várias direções, quanto para uma discussão contemporânea no âmbito de uma filosofia da educação, que oriente os processos educativos pelo ponto de vista da formação humana.

Palavras-chave: Bakhtin. Vigotski. Signo. Educação.

Abstract

This text proposes to offer elements to subsidize a better understanding of the sign function in the epistemological fundamentals of Vygotsky and Bakhtin's work. The intention of this article is to broad a reflection's importance of these two authors research to the field of education, both in individual issues, taken as education research objects in their various directions, as for a contemporary consideration, located within the education philosophy framework to guide educational processes from the viewpoint of human.

Keywords: Bakhtin. Vygotsky. Sign. Education.

I ntrodução

A importância de Semenovich Vigotski (1896-1934) e Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) para a Educação brasileira é atestada pela difusão de suas obras, renovada nos últimos anos, e também pela profundidade das análises de vários cenários educacionais presentes em suas investigações. Viveram e produziram no período da experiência educacional russa, logo após a revolução de 1917, em meio à mudança social e política de transição entre a Rússia czarista e um novo ordenamento sonhado intensamente¹. A estrutura social, o sistema político e a configuração econômica, por razões históricas, não se sedimentaram na direção de uma sociedade nova. Contudo, por alguns anos, o sistema educacional alinhou-se ao esforço oficial para *a educação do homem novo* (LINDENBERG, 1977; MAKARENKO, 1980; CAPRILES, 1989)². Bakhtin e Vigotski, distantes o suficiente das posições institucionais, experimentaram o desafio da construção teórica com autonomia, ainda que para Bakhtin isso tenha significado um percurso de exílio intelectual por boa parte de sua vida.

A obra de Bakhtin encontrou no Brasil da época da ditadura um obstáculo: a censura. Boris Schnaiderman, ao se interessar pelas ideias de Bakhtin, cuja divulgação aumentava em vários países, descobre que “era quase impossível conseguir seus textos no original. Em 1964, as livrarias russas [...] tiveram todos os seus livros retirados para ‘exame’, numa verdadeira operação militar que acabaria em incineração pura e simples” (SCHNAIDERMAN, 2005, p.14). Somente em 1971, diz esse autor, ele mesmo começou a discutir as ideias de Bakhtin na imprensa, culminando, já no início da década seguinte, na publicação de dois livros inspirados

¹ A *Nova Política Econômica*, lançada por Lênin em 1921, marca a virada do processo de escolarização na Rússia na direção da produção (industrial e agrícola). Comparado a esse momento, diz Lindenberg, as “experiências anti-autoritárias [dos primeiros momentos] aparecerão como aquilo que foram: tentativas piloto sem impacto real sobre as relações sociais [...] podia deixar-se toda a espécie de inovadores e de teóricos mais ou menos obscuros aplicarem as suas fantasias numa escala reduzida” (LINDENBERG, 1977, p. 267). Makarenko (1980), em seu livro *Poema Pedagógico*, descreve a experiência educativa vivida por ele na *Colônia para jovens delinquentes*, mostrando as dificuldades imensas para a educação em meio à constituição do Estado bolchevique. (MAKARENKO, 1980).

² Essa denominação reflete um ideal oficialmente assumido durante a experiência inicial do “socialismo real”, nas primeiras décadas do século XX: contribuir para a reinvenção das sociedades humanas a partir do projeto socialista (LINDENBERG, 1977).

no autor russo³. A discussão literária e a teoria do romance, primeiro interesse da leitura de Bakhtin, segundo Schnaiderman, ainda que continuem com grande importância “e por mais que eles ainda nos possam dar, o que ele deixou delineado para a exploração de outros campos parece *particularmente rico em sugestões*” (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 21, grifo nosso). Várias obras de Bakhtin, com interesse para investigações educacionais, passam a ser publicadas no Brasil nas últimas décadas (BAKHTIN, 1981, 1987, 1988, 1992, 2004, 2008, 2010; BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002,).

Vigotski torna-se conhecido no Brasil a partir da década de 1980. A publicação de muitas de suas obras se expande nas últimas três décadas (VIGOTSKI, 1984, 1988, 1991, 1996, 1999a, 1999b, 1999c, 2001, 2009; VIGOTSKI; LURIA, 1996; VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 1988). Mesmo assim, ainda não se traduziu para o Português a maioria das obras escritas e editadas em Russo, sem contar com os manuscritos existentes e ainda não publicados, como indicado na biografia editada, em 1996, pela filha de Vigotski, Guita Vigodskaja, e pela pesquisadora Tatiana Mikhailovna Lifanova (VIGODSKAIA; LIFANOVA, 1996, *apud* TUNES; PRESTES, 2009, p.287).

A difusão constitui, nos últimos trinta anos, o cenário brasileiro de investigações do legado de Bakhtin e Vigotski aos vários *loci* educacionais. A revisão apresentada ao longo deste trabalho não esgota as referências importantes, mas indica uma forte presença desses dois autores entre nós. Todavia, ainda se fazem necessários estudos dos fundamentos epistemológicos comuns a eles⁴. No diálogo de Bakhtin e Vigotski com os filósofos, notadamente Hegel, buscando superar os impasses do materialismo, encontra-se uma contribuição para a constituição do objeto da Filosofia nos cenários educacionais. Por que essa contribuição não é ressaltada com maior vigor nas pesquisas brasileiras? A aproximação entre Bakhtin e Vigotski promoveria uma renovação do materialismo como uma Filosofia da Educação, isto é, como um suporte teórico-metodológico

³ Dostoiévski: prosa poesia (SCHNAIDERMAN, 1982) e Turbilhão e semente – Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin (SCHNAIDERMAN, 1983).

⁴ O exame dos conceitos bakhtinianos e vigotskianos, com vistas à discussão da educação, mostra também exterioridades constitutivas da singularidade da pesquisa de um e outro. Para nosso objetivo, entretanto, ressaltaremos com maior vigor as aproximações entre eles, em torno de posições cuja originalidade instiga a discussão da educação no campo epistemológico das ciências humanas e sociais.

para as investigações?⁵ Nessa direção, nossa contribuição se limita a localizar em torno à discussão do signo promovida por ambos os autores uma firme proposição epistemológica para a pesquisa em Educação.

Vigotski e Bakhtin nas pesquisas em Educação

Os textos que fazem relações entre Bakhtin e Vigotski salientam esse encontro por várias perspectivas, ligadas às questões educacionais. Freitas (2005) propõe essa aproximação em três sentidos: *um encontro no tempo*, mas não somente no tempo cronológico, e sim no que Bakhtin denominava de “a grande temporalidade” (BAKHTIN, 1992, p. 364, *apud* FREITAS, 2005, p. 295), uma vez que as obras rompem fronteiras; *um encontro na vida*, as condições da vida na Rússia do início do século, apesar de não ter havido encontro pessoal entre os dois; *um encontro nas ideias*, para o qual vale a lembrança de que “um texto só vive em contato com outro texto e de que é no ponto de interseção entre eles que surge a luz esclarecedora, tornando o diálogo possível” (FREITAS, 2005, p.298). Os dois autores se aproximam e ambos se aproximam da escola, à medida que permitem pensá-la e construir sobre ela uma compreensão que contempla o Humano na dimensão das subjetividades e como ser histórico, social e cultural (FREITAS, 1994). Neste estudo, consideramos o debate de Vigotski e de Bakhtin com o idealismo, sobre o signo, como a interseção teórica a ser considerada.

Dessa forma, nas pesquisas brasileiras, pode-se compreender a aproximação entre Vigotski e Bakhtin como um diálogo de referência teórica a respeito das questões contemporâneas da escola e da cultura, via a compreensão de questões clássicas da educação. Vários estudos vão nessa direção, como as investigações sobre a subjetividade e a estrutura social, relacionando esse tema: à infância (SOUZA, 1994); aos desafios da prática pedagógica a partir de questões da psicologia, com críticas à compreensão dos fenômenos psicológicos por uma perspectiva a-histórica (FREITAS, 1994); aos problemas do discurso na divulgação científica (SEPÚLVEDA; EL-HANI, 2006); à noção de alteridade (GERALDI, 2010). Bakhtin e Vigotski aparecem em trabalhos como esses como uma possibilidade de compreensão dialética das relações entre subjetividade e estrutura social.

⁵ Saviani (1990, p.3), ao examinar as contribuições da filosofia para a educação, considera que o objeto da filosofia “é o próprio pensamento ou então a realidade em geral enquanto suscetível, ou melhor, enquanto necessita ser pensada seja em si mesma, na sua generalidade, seja nas suas manifestações particulares”.

Algumas características das pesquisas sobre Vigotski facilitam sua aproximação à discussão do signo em Bakhtin, como é o caso daquelas que tematizam diretamente os efeitos de sua teoria linguística e psicológica sobre a educação (OLIVEIRA, 1991, 1995a) ou que analisam mais detidamente categorias vigotskianas como o “sentido” (GÓES; CRUZ, 2006; NAMURA, 2004; SMOLKA, 2004; XIMENES *et al.*, 2009), a “mediação semiótica” (PINO, 1991). Nesses estudos, caracteriza-se seu esforço teórico como uma investigação sobre o signo e sobre a linguagem na constituição da consciência. Todavia, essas discussões deixam de explicitar aquilo que se relaciona à noção materialista de consciência e de linguagem, assim como aquilo que Vigotski, a exemplo de Bakhtin, acrescenta ao materialismo a respeito da importância do signo para a constituição das subjetividades contemporâneas.

Outras pesquisas se atêm ao “desenvolvimento infantil” (PASQUALINI, 2009; FACCI, 2004; GÓES, 1991; LEWIN, 1993; WERNER; ESPÍRITO SANTO, 1993), ao “processo ensino-aprendizagem” (SZUNDY, 2009; KLEIMAN, 1991; MEIRA, 1998), passando pelos estudos que buscam a aproximação de Vigotski a autores da filosofia das ciências (ANDRADE; SMOLKA, 2009) e estendendo-se à discussão da construção do conhecimento (OLIVEIRA, 1995b). Esses estudos, que reconhecem na efervescência da obra de Vigotski sua abordagem da Linguagem, exploram somente de modo incipiente suas relações com a renovação da noção de signo no materialismo. Em geral, as discussões partem do princípio de que essa vinculação ou não apresenta problemas teóricos relevantes ou não interessaria à educação. Outros estudos relacionam Vigotski a questões filosóficas de fundo para a discussão educacional, como a aproximação ao existencialismo sartreano (FRANÇA; MAHEIRIE, 2007), ou fazem, explicitamente, a discussão do sentido da educação nas aproximações de suas reflexões aos pensadores marxistas (GRAHAN, 1994; MARTINS, 1994; DUARTE, 2000, 2006; MENDONÇA; SILVA; MILLER, 2009). Estes veem nesse movimento a determinação do aparecimento de categorias filosóficas mobilizadas na obra de Vigotski, mas as origens filosóficas da sua noção de signo e das relações entre pensamento e linguagem não são esclarecidas, ainda que todos os estudos reconheçam a contribuição desse autor por sua notável atualidade.

Nas pesquisas brasileiras, Vigotski é situado de modo justo como autor de uma teoria “histórico-cultural” ou “sócio-histórica”. Em uma revisão dos estudos de

Vigotski no Brasil nas últimas décadas, Silva e Davis (2004, p.653) ressaltam que “é justamente na compreensão histórica e social do psiquismo, bem como na relação dialética entre indivíduo, sociedade e natureza que está a base epistemológica da teoria de Vigotski”. Todavia, nos estudos examinados por essas autoras, o avanço de Vigotski com a noção de signo, implicada nas relações entre pensamento e linguagem, não aparece como o ponto essencial da exterioridade de Vigotski em relação ao materialismo. Como analisam as autoras:

a categoria “conceitos vigotskianos utilizados” [categoria estudada por elas nos artigos publicados nas décadas de 1980 e 1990 nos *Cadernos de Pesquisa*] demonstrou que os autores pesquisadores relegaram a segundo plano os estudos sobre a *consciência*, a relação entre *sentido/significado* e as emoções, restringindo, muitas vezes, a concepção de homem adotada por Vigotski ao aspecto da interação. Quando se aborda a *mediação* semiótica, alguns autores desconsideram que o *signo* surge a partir da atividade do indivíduo. E estudar o signo, sem a dimensão da atividade, é descaracterizar a obra vigotskiana (SILVA; DAVIS, 2004, p. 656) (grifo nosso).

Essa revisão resalta que são escassas as discussões a respeito “do fundamento filosófico, algo que dificulta a real apropriação dos conceitos de Vigotski” (SILVA; DAVIS, 2004, p. 647).

Do mesmo modo que as investigações examinadas na revisão de Silva e Davis, outros textos, apesar de indicarem o trabalho de Vigotski como uma perspectiva “sócio-histórica” ou “histórico-cultural”, deixam de salientar o debate de Vigotski exatamente com o materialismo. Nessa direção, os primeiros estudos, como o de Martha Kohl de Oliveira (1991, 1993, 1995a, 1995b), que prestaram grande serviço à divulgação de Vigotski entre os estudiosos, não tiveram o interesse de aprofundar a discussão crítica de suas bases conceituais. Eles se limitavam a apresentar os conceitos vigotskianos que caracterizam um enfoque possível para a *Psicologia da Educação*. Essa redução do alcance dos estudos de Vigotski, silenciando quanto à fundamentação filosófica e sobre o significado das suas relações com o materialismo, é um dos grandes obstáculos para sua aproximação a Bakhtin. Em 2005, a mesma autora publica o texto *Vigotski e o Materialismo Dialético: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-*

cultural, no qual se detém na análise das bases filosóficas do trabalho de Vigotski (OLIVEIRA, 2005)⁶.

A compreensão da obra de Vigotski, como perspectiva “histórico-cultural” ou “sócio-histórica”, aparece também em textos mais recentes, como os de Duarte (2000, 2001, 2005, 2006, 2008, 2009a, 2009b). Esse autor defende a ideia de que Vigotski buscava “uma teoria que realizasse a mediação entre o materialismo dialético, enquanto filosofia de máximo grau de abrangência e universalidade, e os estudos sobre os fenômenos psíquicos concretos” (DUARTE, 2003, p.80). Nessa direção, crítica, de modo claro e suficiente, as tendências inusitadas de aproximar Vigotski a uma filiação cognitivista (“neoliberal”, segundo Duarte). Dos vários princípios marxistas (materialistas) mostrados na construção dos conceitos por Vigotski, essa pesquisa ressalta a importância da noção de *dialética*. Entretanto, a interpretação excessiva de que a “epistemologia materialista e dialética de Vigotski está em perfeita consonância com a dialética presente na obra de Marx” deixa de fora o estatuto do signo, que, como mostramos, é um debate desse autor com o idealismo, em uma posição muito próxima à de Bakhtin. A noção de dialética, assim, presente na compreensão das determinações do pensamento e do real (fundamento do materialismo), na relação entre o social e as subjetividades, nas relações entre pensamento e linguagem e, ainda, na discussão da consciência ganha, equivocadamente, um contorno econômico-político. O atrelamento de lógicas contrárias, que são as lógicas do pensamento e da linguagem (VIGOTSKI, 2009), são mais bem compreendidas se referidas não a uma transposição de conceitos do campo político, à qual Vigotski se recusava. Ao contrário das tendências marxistas de sua época, ele recorre ao debate de Marx com os idealistas. É nesse debate que encontra elementos para caracterizar a insuficiência da apreensão do signo, da linguagem e do pensamento no próprio seio do materialismo. Suas incursões no campo dos estudos da Arte, das Ciências Humanas e da Filosofia lhe mostraram a

⁶ Acreditamos que sejam injustas algumas afirmações como a de que os primeiros textos dessa autora reproduzem de modo acrítico a apropriação pelos cognitivistas norte-americanos do texto de Vigotski, inclusive com os abusos na tradução. Realmente a diferença entre a primeira e a segunda versões do livro sobre o pensamento e a linguagem (*Pensamento e Linguagem* – 1984 – e *Construção do Pensamento e da Linguagem* – 2001) não apresentam a mesma facilidade para o pesquisador. Mesmo assim, cursos e palestras baseados nesses textos e os artigos decorrentes desses estudos acabaram divulgando Vigotski e formando uma convicção sobre sua importância e, para aqueles que se implicaram com uma visão imanente à sua obra, produzindo-se, inclusive, uma diferença entre ele e os cognitivistas. Outro elemento importante é a publicação deste último texto, no qual a autora se detém na análise das bases filosóficas do trabalho de Vigotski.

dimensão cultural, para a qual a linguagem é ponto de partida e elemento essencial na definição do ser humano. Mas, como mostramos, para isso, necessitava retornar à discussão sobre o papel da linguagem e do pensamento no ponto no qual ela se interrompera: o início do materialismo filosófico moderno, com o qual Marx teve contato direto.

Os estudos sobre Bakhtin trazem mais explicitamente suas relações com o materialismo e os indícios de uma posição de exterioridade que lhe permitia avançar quanto ao que Ponzio (2008, p. 71) chama de as “carências do marxismo”, sendo uma delas a noção de signo. Algumas coletâneas de textos sobre o trabalho de Bakhtin, reunidas em encontros ou reflexões individuais, discutem os principais conceitos relacionados à noção de signo e sua novidade em relação ao materialismo, como os conceitos de dialogismo, polifonia, enunciação, discurso, exterioridade (BARROS; FIORIN, 1994; BRAIT, 2005a, 2005b, 2006; FARACO, 1998; EMERSON, 2003; TEZZA, 2003; TEZZA, FARACO; CASTRO, 2006). Outras obras ressaltam as contribuições de Bakhtin para uma compreensão do estatuto do discurso nas ciências humanas e para a pesquisa nessa área (AMORIN, 2001; JOBIM, KRAMER; FREITAS, 2003; BRAIT, 2009). Esses estudos, ainda que não se detenham nas relações destas concepções com Vigotski, delineiam nos conceitos bakhtinianos uma compreensão da constituição das subjetividades contemporâneas presentes nos interesses da escola e claramente identificada aos efeitos das concepções vigotskianas. Criam o mesmo efeito as discussões dos gêneros do discurso, da carnavalização, da teoria do romance (FIORIN, 2006) e da reflexão bakhtiniana, presentes nas ideias linguísticas, apontando para uma filosofia da linguagem compartilhada por Bakhtin em seu Círculo (FARACO, 2009).

Nos estudos brasileiros, as discussões de Bakhtin e, principalmente, de Vigotski deixam de analisar o efeito de vozes que não são somente as do materialismo. Nas obras desses autores, essas vozes vêm de onde haja uma reflexão madura sobre a constituição do ser humano, vêm de análises do sentido da Arte, da literatura, da música, da cultura, bem como de esforços teóricos das ciências ou da Filosofia.

De Bakhtin a Vigotski: o signo

Para Todorov (1997, p.42), Bakhtin seria o fundador de outro modo de compreender a pragmática por ter salientado, em primeiro lugar, “a forma de *organização dos enunciados concretos* e de suas *funções* sociais e ideológicas” (grifo do autor). Todavia, para Bakhtin, a pragmática não seria somente um certo domínio dos estudos linguísticos. Essa noção, se pensada com as categorias bakhtinianas, parece excessivamente formalista, mas foi assim delimitada por Charles Morris, em 1938. Esse autor define a pragmática como uma das divisões (estanques) da linguística, sendo ela o estudo da “relação dos signos com seus intérpretes” (cf. SCHMIDT, 1978; SIMÕES, 2004). Contrariamente a isso, para Bakhtin, os signos não são exteriores a seus intérpretes, eles são constitutivos tanto do discurso quanto dos sujeitos. Dizendo mais diretamente: o signo, ou melhor, o mundo humano das respostas aos signos por meio de signos, constitui um espaço movente que define, dialogicamente, locutor e alocutário como partes intrínsecas aos *significados* tanto quanto às *relações* que os sustentam.

Isso implica redefinir o signo invertendo a expectativa formalista, indo além da determinação mecânica das relações sociais sobre os significados. Nesse sentido, Bakhtin e Volochínov afirmam que, junto aos fenômenos naturais, aos instrumentos de produção da vida humana e aos produtos, “existe um universo particular, o *universo dos signos*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p.32). Somente existem cadeias de signos porque existem relações que produzem representações e, também, refrações das condições concretas em que se realiza a interação social. Todavia, no universo dos signos e, mais especificamente no vasto campo de criatividade ideológica, não há somente representações diretas das relações. Há diferenças profundas na própria configuração do universo simbólico, a partir das quais subsistem a arte, a representação, o símbolo religioso, a fórmula científica, a fórmula jurídica (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002). Em cada um desses domínios, o signo é a materialidade que abriga os diferentes. O signo é a arena da luta entre contrários (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002), e não a representação (falsa ou verdadeira) dessa luta. O conceito de signo, portanto, exige que o tomemos como arena da luta entre diferentes, distintos, contrários.

A contribuição materialista, desde Marx, sempre foi ligada ao arejamento da reflexão sobre a natureza do mundo humano como tal. Considerando-o determinado

pela história (materialismo histórico) e pela contradição das relações de produção em qualquer tempo histórico (materialismo dialético), Marx não se exime de acatar o problema da consciência como essencial, mas também não o situa em relação ao que ele continha de referência ao signo e, em consequência, a Hegel. Nesse sentido, a tese materialista central: “o homem é *o mundo dos homens*” (MARX, 2005, p. 26, grifo nosso) é uma das que caberia listar no sentido do alerta de Bakhtin e Volochínov, quando dizem que: “as categorias do tipo mecanicistas implantaram-se solidamente em todos os domínios a respeito dos quais os pais fundadores – Marx e Engels – *pouco ou nada disseram*” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 25).

Nesse sentido, ao pouco dito por Marx sobre a relação entre o “mundo dos homens” e o signo, Bakhtin acrescenta: *o mundo dos homens é feito de signos*. O signo permite afirmar de modo radical a existência humana como gênero sem se desfazer da perspectiva da individualidade (ou da subjetividade) também como determinidade material. A inversão de perspectiva em relação ao idealismo, dar preponderância ao real em relação ao pensamento, não significa o abandono do segundo termo. A posição de Bakhtin – o signo como a materialidade que permite falar em consciência humana – se alinha à resposta materialista de Marx, sem deixar de ressaltar que, para a determinação da consciência como elemento essencial, deve-se lembrar que o signo encerra em si as características da contradição encontrada nos fenômenos sociais e interacionais entre os seres humanos. Nesse sentido, a consciência

adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica da interação semiótica de um grupo social (BAKHTIN, 1992, p. 35-36).

A ideologia, como produto e produtora das relações, é possuidora de um significado, ao mesmo tempo em que remete, reflete e refrata algo situado fora dela mesma, isto é: aquilo que é ideológico é signo. Essa máxima, apresentada no texto *Filosofia da Linguagem e Marxismo* (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p.31), acrescenta à teoria do discurso ideológico advinda do materialismo uma tarefa que até o início do século XX ainda não tinha sido levada em conta pelos marxistas.

Como mostra o convite de Bakhtin à tradição materialista, nessa ainda não se havia transposto para o signo o sentido de arena que abriga a *contradição*, figura essencial da dialética. Bakhtin, ao convocar explicitamente a discussão da linguagem como questão essencial, sem a qual a dialética marxista, em suas várias direções, não poderia avançar na definição da consciência, inicia por vislumbrar essa necessidade. Nesse sentido, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929-1930), assinado também por Volochínov, parte da equação materialista – o real precede a consciência –, mas aponta no próprio materialismo uma dificuldade para superar o impasse: a impossibilidade de o idealismo e de o objetivismo (representado pelo positivismo) avaliarem corretamente a consciência, posto que se valem de categorias mecanicistas. Sobre isso, diz o texto de Bakhtin e Volochínov:

A criação ideológica – ato material e social – é introduzida à força no quadro da consciência individual. Esta por sua vez, é privada de qualquer suporte na realidade. Torna-se *tudo* ou *nada*. Para o *idealismo ela tornou-se tudo*: situada em algum lugar acima da existência e determinando-a. De fato, na teoria idealista, essa soberana do universo é a mera hipótese de um vínculo abstrato entre as formas e as categorias mais gerais da criação ideológica. Para o *positivismo psicologista*, ao contrário, *a consciência se reduz a nada*: simples conglomerado de reações psicofisiológicas fortuitas que, por milagre, resulta numa criação ideológica significativa e unificada (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p. 34).

Esse quadro, do final do século XIX e início do XX, permite atualizar a controvérsia entre o idealismo e o materialismo, à medida que Bakhtin e seu círculo anunciam a tentativa de enfrentar o vazio de produção materialista sobre o signo.

Desse modo, tanto Bakhtin quanto Vigotski correm o risco de dar a essa noção um sentido alheio ao materialismo? Como entender, a partir do materialismo, o estatuto desse universo dos signos? Por materialismo, entendemos duas teses básicas: (a) há uma distinção entre o real e o pensamento sobre o real; (b) há uma supremacia do real sobre o pensamento (SIRGADO, 2000; IANNI, 1982; MANACORDA, 1991). As posições de Vigotski e Bakhtin certamente consideram isso. Todavia, ao invés de adotar uma máxima materialista simplista – a consciência é efeito das relações sociais –, fazem dessa a questão conceitual central: como entender o universo dos signos e sua riqueza como elemento constitutivo das relações sociais? Como investigação dessa questão, Vigotski e Bakhtin recuperam as reflexões sobre a linguagem, o pensamento e a natureza do signo. Com isso,

renovam a discussão das teses materialistas fazendo presente a controvérsia de Marx contra o Idealismo, a respeito da natureza do social, do cultural e do sujeito. Em síntese, seguindo Vigotski e Bakhtin, vemos que, nas querelas de Marx contra o hegelianismo, há uma tarefa que estava inacabada no final do século XIX e no início do século XX⁷.

Linguagem e Materialismo

Marx e Engels, desde *A Ideologia Alemã*, na controvérsia com o idealismo, não deixam de reconhecer como fundamental a questão das relações da linguagem para definir a consciência e, até mesmo, a natureza do “Espírito humano”. O que se rejeita no idealismo é que houvesse uma síntese possível, da qual o Espírito seria o suporte. Dizem eles:

O “espírito” sofre, desde o início, a maldição de estar “contaminado” pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe para o outros homens e que, portanto, também existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como a consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. (MARX; ENGELS, 1989, p.34)

Para Marx, consciência e linguagem, assim, são elementos essenciais aos processos de *autoinvenção* humana. Sua controvérsia com os hegelianos, entretanto, não se estabelecia por uma acusação de que em Hegel não houvesse reconhecimento da dimensão social e cultural da consciência e da linguagem. Ao contrário, é de Hegel que vem a clareza a respeito da significação da atividade humana como fonte para o estabelecimento das figuras da consciência. A dialética hegeliana é histórica, e cada figura experimentada pelo Espírito no seu percurso não é, como em Kant, uma figura abstrata. Sua “ciência da experiência da consciência”, primeiro nome a ser dado à *Fenomenologia do Espírito*, tem uma dupla direção: *histórica*, visto que as estações pelas quais passa a consciência são “experiências de cultura, de uma cultura que se desenvolveu no tempo sob a injunção de pensar-

⁷ Junto a Bakhtin, em seu “Círculo”, estavam o linguista Valentin Volochínov (1895-1936) e o teórico literário Pavel Medvedev (1891-1938), dentre outros. Esses dois assinam textos de Bakhtin de modo que a produção do grupo é tomada por uma unidade.

se a si mesma” (VAZ, 1989, p. 10); *dialética*, pois as figuras da experiência não seguem uma cronologia de eventos, mas a lógica pela qual pretende demonstrar que se chegará “ao Saber absoluto como adequação da certeza do sujeito à verdade do objeto” (VAZ, 1989, p.10). História e dialética, portanto, são categorias hegelianas das quais não se poderia prescindir para pensar o signo.

Para dotar essa investigação de uma base sólida, Bakhtin indica que se deveria superar, tanto do idealismo quanto do psicologismo, a noção de que a consciência é o receptáculo da ideologia. O material semiótico, suporte da ideologia, é, na verdade, o suporte também da consciência. O pensamento e a linguagem, atribuídos na tradição da psicologia à consciência, como individualidade, não podem ter lugar fora de um material semiótico, que pode ser, por exemplo, o “discurso interior”. Todavia, nesse e em todos os demais domínios da consciência, o signo se opõe ao signo, “a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2002, p.25).

Signo e Teoria do Romance: as formas simbólicas

Na concepção de Craig Brandist (2005), Bakhtin não somente indica a necessidade de levar essa tese em conta, como busca diretamente em Hegel elementos para sofisticá-la com a teoria do romance⁸. Para Brandist, compreendemos melhor a teoria do romance em Bakhtin se partimos do suposto de que seu interesse era o de demonstrar que o romance é uma das “formas simbólicas” essenciais. Essa expressão, usada pelos neokantianos, como Cassirer, estava presente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Em *Estética da criação verbal*, ela indica a generalidade das invenções humanas a partir do signo (BRANDIST, 2005)⁹. Na sucessão de “formas simbólicas” da cultura (que o percurso hegeliano do Espírito procurava circunscrever), poderíamos buscar compreender

⁸ Para Brandist, a teoria do romance em Bakhtin indica uma passagem de seus primórdios kantianos para uma clara inserção na problemática hegeliana da cultura e do discurso. A evidência apresentada é o “acento ou ênfase nova que Bakhtin admite para a *história* da literatura em relação à qual Kant tinha sido amplamente indiferente” (BRANDIST, 2005, p.1, grifo do autor, tradução livre)

⁹ Iná Camargo Costa (2005) examina evidências de que a aproximação de Bakhtin ao neokantismo, no início de seu trabalho, poderia ser um reflexo da tendência do “marxismo legal russo”, variante menos revolucionária, que, muito antes da revolução de outubro de 1917, empenhava-se em buscar na filosofia uma fundamentação para sua doutrina. Nesse sentido, uma vez que “a única filosofia aparentemente compatível com aquele marxismo era a neokantiana, podemos admitir sem susto que Bakhtin tratou de levar a efeito o mesmo tipo de amálgama tentado por políticos, economistas e sociólogos russos [...] com a diferença de que [...] o campo de Bakhtin é o da estética” (COSTA, 2005, p.278).

não somente o que é o ser humano, como também esclarecer “o princípio formativo básico” de seu mundo simbólico. Hegel procurou estabelecer as figuras do saber humano até o ponto final de sua “forma”, que seria a Ciência da Lógica, isto é, o Saber Absoluto (HEGEL, 1999). Para Brandist (2005), no que diz respeito à cultura, Bakhtin teria visto no romance, como “forma simbólica” relacionável a outros gêneros literários e aos discursos socioideológicos, exatamente a propriedade de revelar o princípio formativo básico do discurso, logicamente sem a expectativa da síntese final do Saber Absoluto.

Esse princípio básico se circunscreve a partir de alguns conceitos, tais como o de *polifonia*, obtido no exame que Bakhtin faz do romance em Dostoievski (BAKHTIN, 1981). Esse autor, na concepção expressa por Bakhtin, inventou um novo gênero literário, o romance polifônico, no sentido de criar a presença das vozes que ressoam o texto sem assujeitá-las à centralização de um narrador, mas existindo umas em relação às outras. Nas palavras de Bakhtin:

Em geral, o romance exibe um debate (se debate houver) que é terminado e decidido do ponto de vista do autor. Em Dostoievski, temos o estenograma de um debate inacabado e inacabável. Em todo caso, todo romance é repleto de orquestrações dialógicas (sem que sejam, necessariamente, com os heróis). Depois de Dostoievski, a polifonia invade a literatura universal. Em relação ao homem, a emoção em geral — amor, ódio, compaixão, piedade — é, num grau variável, dialógica. Na dialogicidade (de acordo com o estatuto de sujeito usufruído por seus heróis), Dostoievski ultrapassa certo nível, e sua dialogicidade atinge uma qualidade nova (superior). A imagem-objeto do homem não se reduz a uma pura coisificação. Pode despertar o amor, a piedade, etc. Mas o importante é que ela seja (e deve ser) compreendida. Na obra literária (como em todas as artes), tudo, até mesmo as coisas inertes (correlacionadas com o homem), é marcado de subjetividade (BAKHTIN, 1981, p. 340).

Nesse sentido, diz Todorov (1981, p.8), a “perversão dostoievskiana” é elevada por Bakhtin à condição de “encarnação do ‘dialogismo’, a um só tempo, concepção do mundo e estilo de escrita, pelos quais Bakhtin não esconde sua preferência”. Nessa direção,

a velha formulação idealista do imperativo do romance, que é o de ser “um reflexo completo e compreensivo de sua era”, é reformulada para “o romance deve representar todas as vozes ideológicas de sua era... todas as linguagens de sua era que reivindicam a condição de serem significativas”. O romance é uma forma simbólica, mas *uma forma simbólica específica em que o princípio formativo básico das*

formas simbólicas torna-se visível (BRANDIST, 2005, p.10, grifo nosso, tradução livre).

Por sua concepção do discurso como forma simbólica apreensível na cultura e não em fórmulas abstratas do funcionamento do signo, Bakhtin será reconhecido por autores do século XX como aquele que melhor soube indicar a dimensão social da enunciação e, ao mesmo tempo, o lugar privilegiado da pragmática:

como diz Bakhtin, enquanto a linguística extrair invariantes, permanecerá incapaz de nos fazer compreender como uma palavra forma uma enunciação completa [...] reduzirá o enunciado a um significante e a enunciação a um sujeito, não conseguirá assim apreender a organização, relegará as circunstâncias ao exterior, fechará a língua em si mesma e fará da pragmática um resíduo (DELEUZE; GUATTARI, 1980, *apud* DELAS, 2005, p.47-48).

De Vigotski a Bakhtin: o pensamento discursivo

É exatamente nessa noção de signo fundado nas relações, mas constituída como formas simbólicas humanas, como universo humano, que Vigotski encontra a possibilidade de estudar as relações internas entre a linguagem e o pensamento. O *pensamento discursivo*, unidade mínima que contém o *significado* das palavras (VIGOTSKI, 2009), e no qual não se dissocia pensamento de linguagem, subsiste somente nas atividades humanas, mas se constitui como cultura. Compreender as relações entre pensamento e linguagem nos grupos sociais humanos permite apreender que “no curso do desenvolvimento histórico da palavra modificam-se tanto o conteúdo concreto da palavra quanto o próprio caráter da representação e da organização da realidade na palavra” (VIGOTSKI, 2009, p.400-401). Vigotski nisso também recorre à dimensão de uma *pragmática* muito próxima à de Bakhtin, isto é, o estudo da linguagem lhe revela a dimensão das relações contraditórias entre esta e o pensamento como presença das contradições das relações sociais. Os arranjos da linguagem, do pensamento, das artes e das subjetividades são modos de produção de sentidos que dotam as atividades humanas de um estatuto discursivo próprio.

Para renovar no materialismo a compreensão do signo, a exemplo de Bakhtin, Vigotski recorre a referências esclarecedoras do estado da discussão da

linguagem, no próprio Hegel. É de grande lucidez o recurso à discussão com Hegel sobre o lugar da linguagem e do pensamento. O autor russo salienta, no final de seu livro sobre a *Construção do pensamento e da linguagem*, que “Hegel via a palavra como um *ser* revivificado pelo pensamento” (VIGOTSKI, 2009, p.484). Essa é uma afirmação com a qual Vigotski sintetiza os achados do percurso de sua investigação e faz eco a outras indicações encontradas ao longo do texto. Em especial, a alusão à diferença entre a “consciência sensível” e o “espírito consciente de si” temas caríssimos a Hegel (HEGEL, 1999). A referência de Vigotski é a seguinte:

quando se diz que o salto dialético não é só uma *passagem da matéria não-pensante para a sensação* mas também uma passagem da *sensação para o pensamento*, se está querendo dizer que o pensamento reflete a realidade na consciência de modo qualitativamente diverso do que o faz a *sensação imediata* (VIGOTSKI, 2009, p.9-10).

Nessa formulação, os termos “filosóficos” levam além da alusão ao conhecido princípio da presença do trabalho e da linguagem na gênese do humano. Essa tese – da passagem dialética da matéria não-pensante à sensação e desta ao pensamento – é central na articulação hegeliana entre pensamento e linguagem. A frase acima citada (“a palavra como um ser revivificado pelo pensamento”) é a culminação de um caminho que se inicia no primeiro movimento (a superação dialética da sensação) e passa pela conhecida “morte da coisa” diante da linguagem, na concepção de Hegel.

O raciocínio completo de Hegel, que pouco importa se somente é compatível ou se é, na verdade, o mesmo que se encontrará em Marx, é mais bem postulado da seguinte forma: assim que nos damos conta de que há um salto dialético entre a *consciência sensível* e o *pensamento*, também nos damos conta que concorreu para isso o papel da Linguagem. É por ela que passa a existir essa realidade na consciência de modo qualitativamente diverso do que o faz a sensação imediata. A mediatização do mundo se dá pela Linguagem. Entretanto, para Hegel também fica evidente que, além de permitir esse milagre da invenção de um mundo humano simbolizado, a passagem do ser-aí imediato para a linguagem é a morte do mundo sensível (HEGEL, 1999). Essa é a condição primeira para que a consciência possa superar a sua condição de certeza sensível: “a morte do sensível” para ela. Nessa operação, primeira implicação da linguagem no movimento do Espírito, está o

começo de um percurso pelo qual “a autodeterminação e incondicionalidade do Espírito exige um duplo movimento: o de interiorização da sua dimensão exterior e o de exteriorização da sua interioridade, ambos necessários à sua liberdade e *possíveis apenas linguisticamente*” (COSSETIN, 2007, p. 15, grifo nosso)

Um outro testemunho histórico nos ajuda a compreender o alcance da afirmação vigotskiana de uma relação estreita – e dialética – entre pensamento e linguagem, ainda como tema presente em Hegel. Evocamos aqui a frase de Kierkegaard sobre Hegel:

enquanto os filósofos precedentes haviam quase chegado à idéia de que a língua existe para esconder o pensamento (de tanto que eram incapazes de exprimir "*das Ding an sich*"/a coisa em si), Hegel tem ao menos o mérito de mostrar a *imanência do pensamento na linguagem*, que ele se manifesta nela – a outra filosofia limitava-se a tatear em torno da coisa (KIERKEGAARD *apud* PRADO JR., 1999)¹⁰

Isso indica, suficientemente, que se Vigotski consegue fundar uma nova concepção do lugar do pensamento e da linguagem na constituição da consciência como instância social e subjetiva, ele considera o ponto da discussão que se encontra em Hegel. Acrescenta-se à convicção sobre essa ideia a coincidência do detalhamento da noção vigotskiana da relação essencial entre pensamento e linguagem e as proposições hegelianas sobre esse tema. Hegel, ao dar aulas para jovens estudantes¹¹, explicava de forma clara as relações que via entre signo, linguagem e pensamento. Considera a Linguagem como a “obra mais extensa da força da imaginação”, ligando-a ao pensamento, posto que “a linguagem consiste em *palavras*, que não são outra coisa senão signos de pensamentos. Nestes signos, a *escrita* contém outra vez signos, as *letras*” (HEGEL, 1984, s/p., grifo do autor, tradução livre). Por pensamento, Hegel está entendendo uma atividade contínua, ligada à construção simbólica do mundo, frente à experiência do mundo. Isso significa não confundir pensamento com representação: “no *pensar*, abstraímos o externo da coisa, o meramente não essencial e acentuamos a coisa segundo sua essência. O pensar penetra a aparência externa e chega até a natureza interna da coisa e a converte em objeto” (HEGEL, 1984, p.12, tradução livre).

¹⁰ Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/fof/brasil500/dc_2_3.htm.

¹¹ Assim se expressa a tradutora do texto de Hegel para o espanhol (HEGEL, 1984).

Na mesma direção, diz Vigotski: “a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio [...] o significado é a própria palavra vista no seu aspecto interior” (VIGOTSKI, 2009, p.399). Mas, continua, “o significado da palavra não é senão uma generalização ou um conceito [...] toda generalização, toda formação de conceitos é o ato mais específico, mais autêntico e mais indiscutível de pensamento” (VIGOTSKI, 2009, p.399).

Para Vigotski, a tendência da linguagem de se desenvolver da unidade (palavras isoladas) ao geral (a frase complexa), em oposição à tendência do pensamento de se desenvolver das totalidades à compreensão e distinção de partes, forma uma contradição necessária à unidade entre pensamento e linguagem (VIGOTSKI, 2009). Nisso se apresenta a especificidade da noção vigotskiana de desenvolvimento humano, que não deixa de se aplicar ao curso de crescimento e maturidade das crianças, mas tem a sua força mais significativa na diferença de lógicas de constituição do pensamento e da linguagem em qualquer período do crescimento. Pensar e falar são *geneticamente* distintos, isto é, surgem por processos diferentes (de *desenvolvimento*, para Vigotski, e de *constituição*, para Bakhtin). Todavia, a configuração do *pensamento discursivo* (termo de Vigotski claramente próximo à noção de *discurso* em Bakhtin) é indissociavelmente pensamento, generalidade conceitual e discurso, também na dimensão *funcional* da linguagem e do pensamento (VIGOTSKI, 2009).

Quando Vigotski se refere ao ponto de vista genético do desenvolvimento do pensamento e da linguagem, toca sempre a dimensão da história humana e da história individual como elementos da perspectiva materialista. Por isso se do ponto de vista funcional, linguagem e pensamento estão interligados de forma dinâmica e complexa, como um processo vivo, do ponto de vista genético, cabe pensar que ambos surgem e se desenvolvem no curso da história social do homem e são a “chave para a compreensão da consciência humana” (VIGOTSKI, 2009, p.485). À primeira vista, parece elementar compreender que o significado das palavras é inconstante e mutável. Entretanto, não é nada intuitiva a concepção da inconstância e da mutabilidade como resultado *genético* e *funcional* da relação da linguagem com o pensamento. Essa sofisticada reflexão envolve, ao mesmo tempo, a natureza histórica, social e subjetiva dos seres falantes e a intensidade dessa tese vigotskiana

encontra eco no projeto de Bakhtin, de resolver a ausência da discussão sobre o signo no materialismo.

Vigotski e seus colaboradores, como Luria e Leontiev, nomeiam do lado do idealismo os subjetivistas, introspeccionistas, como Chelpanov e seus seguidores, ocupados com a investigação da consciência, do “espírito humano” como uma essencialidade a-histórica. A crítica materialista a essa posição não era novidade. Todavia, dentre os objetivistas, pode-se citar Pavlov e Bechterev, que, embora considerados materialistas, filiavam-se a uma reflexologia naturalista, que reduzia a consciência a reflexos (ou conjunto de reflexos) e apresentava uma compreensão mecanicista das relações entre as determinações sociais e os reflexos ou entre as determinações sociais e a subjetividade (LURIA, 1992). A análise dessas duas posições, do mesmo modo que para Bakhtin, deveria servir para perceber que a dificuldade em estabelecer a relação entre os atos materiais (sociais) e a esfera da consciência (e da subjetividade) não havia sido superada no próprio materialismo.

Conclusão

Ao esclarecer a ideia de que Vigotski e Bakhtin partem de uma *pragmática materialista de linguagem*, promovendo o signo à condição de suporte material da cultura, partimos de investigações do campo educacional. Mostramos que eles necessitavam retornar tanto ao ponto em que se encontrava a querela do materialismo filosófico moderno, contra o idealismo de Hegel, quanto ao lugar da linguagem. Buscamos argumentar que os elementos da teoria vigotskiana – histórica, instrumental e cultural – e de Bakhtin – dialógica e enunciativa – servem para uma *pragmática da interação educacional*, e não para uma ontologia do ato educacional. Essa pragmática se sustenta na relação do pensamento e da linguagem e nas análises vigotskianas sobre o ato educativo, como mediação, e nas análises bakhtinianas desse ato como dialogicidade. O fôlego da obra de Vigotski é comparável e compatível com o fôlego da obra de Bakhtin. Ambos se encontram na retomada do papel do signo, da linguagem e do pensamento para o materialismo, mas eles o fazem buscando na polifonia, e não na disciplinarização formal e estanque, o *modus operandi* que poderia ser predominante no campo da Educação. A presença desses autores nas pesquisas brasileiras já é significativa, mas poderia

ainda ser mais bem incrementada, em especial no esclarecimento de suas filiações e exterioridades em relação ao materialismo, que são formas da inserção de várias vozes na discussão, como método e não como um efeito de passagem. Esse caminho lança luzes sobre a pesquisa educacional a respeito da Linguagem e o Pensamento no âmbito da formação humana e delineia uma firme posição epistemológica para a Educação.

Referências

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro. Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

ANDRADE, J. de J. de; SMOLKA, A. L. B. A construção do conhecimento em diferentes perspectivas: contribuições de um diálogo entre Bachelard e Vigotski. *Ciênc. educ.*, Bauru, v.15, n.2, p.245-268, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Mikhail Bakhtin em diálogo*. Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008.

_____. *O Freudismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense-Universitária, 1981.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentim N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade; em torno de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. São Paulo: Unicamp, 2005a.

_____. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005b.

_____. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDIST, Craig. The Bakhtin Circle. In: *Enciclopedia of Philosophy University of Sheffield*, United Kingdom, 2005. Disponível em <http://www.iep.utm.edu/Bakhtin>. Acesso em: 31 jan. 2012.

CAPRILES, René. *Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista*. São Paulo: Scipione, 1989.

COSSETIN, Vânia L. Fischer. O problema da linguagem na filosofia hegeliana: o paradoxo do Absoluto incondicionado e exprimível. 2007. 211f. (Tese Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/13/TDE-2007-08-17T060358Z-802/Publico/393149.pdf. Acesso em: 31 jan. 2012.

COSTA, Iná Camargo. O Marxismo neokantiano do primeiro Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 2005. p.277-286.

DELAS, Daniel. Poéticas da Linguagem de Bakhtin a Glissant. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 2005. p.47-54.

DUARTE, N. “A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco”: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. *Educação e Sociedade*, Campinas, v.21, n.71, p.79-115, jul. 2000. ISSN 0101-7330

_____. A filosofia da práxis em Gramsci e Vigotski. In: MENDONÇA, S. G. L; SILVA, V. P.; MILLER, S. (Org.). *Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações*. Araraquara: Junqueira&Marin, 2009b. p.107-138.

_____. Arte e Formação Humana em Lukács e Vigotski. In: *31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação ANPED*, Caxambu, 2008. v.1. p.1-15.

_____. As apropriações das teorias psicológicas pela prática educativa contemporânea: a incorporação de Piaget e de Vigotski ao ideário pedagógico. In: FACCI, M. G. D; TULESKI, S. C.; BARROCO, S. M. S. (Org.). *Escola de Vigotski: contribuições para a psicologia e a educação*. Maringá: Eduem, 2009a. p.63-86.

_____. As Pedagogias do "Aprender a Aprender" e Algumas Ilusões da Assim Chamada Sociedade do Conhecimento. In: *24ª Reunião Anual da ANPED*, 2001, Caxambu. (Textos das sessões especiais).

_____. Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo? In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval (Org.). *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. Campinas: Autores Associados, 2005. v.1. p.203-221.

DUARTE, N. *Vigotski e o “aprender a aprender”*. Crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

EMERSON, Caryl. *Os 100 Primeiros Anos de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Difel, 2003.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cad. CEDES*, v.24, n.62, p.64-81, abr. 2004.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e Diálogo*. As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

FRANÇA, K. B.; MAHEIRIE, K. Vygotski e Sartre: aproximando concepções metodológicas na construção do saber psicológico. *Psicol. Soc.*, v.19, n.1, p.23-29, abr. 2007.

FREITAS, Maria Teresa Assunção et al.(Org./Coord.) *A responsividade bakhtiniana: na educação, na estética, na política*. Juiz de Fora: I Encontro de Estudos Bakhtinianos/ UFJF, 2011.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e a construção do sentido*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005. p.295-314.

_____. *O pensamento de Vygostky e Bakhtin*. Campinas: Papyrus, 1994.

GERALDI, João Wanderley. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GÓES, M. C. R.; CRUZ, M. N. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. *Pro-Posições*, v.17, n.2 (50), p.31-45, mai/ago 2006.

GÓES, M.C.R. A natureza social do desenvolvimento psicológico. *Caderno CEDES*, Campinas, n.24, p.17-24, 1991.

GRAHAN, Loren. A psicologia materialista dialética de Vygotsky. *Princípios*, n.33, p.52-55, mai-jun. 1994.

HEGEL, G. W. F. *Propedéutica filosófica: teoría del derecho, de la moral y de la religión*. México: Ed. Universidad Nacional Autónoma de México, 1984. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57584206/Hegel-Propedeutica-1810>. Acesso em: 31 jan. 2012.

_____. *Curso de Estética*. São Paulo: Edusp, 1999.

IANNI, Octávio. *Dialética e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

KLEIMAN, A. B. Introdução e um Início: A Pesquisa Sobre Interação e Aprendizagem. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v.18, p.5-14, 1991.

LEWIN, Zaida G. Uma incursão na zona de desenvolvimento proximal: o resgate da organização dialógica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v.9, n.2, p.387-400, 1993.

LINDENBERG, D. *A Internacional Comunista e a escola de classes*. Coimbra: Centelha, 1977.

LURIA, A. R. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992.

MAKARENKO, Anton. *Poema Pedagógico*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. tomos I, II, III.

MANACORDA, M. A. *Marx e a Pedagogia Moderna*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.

MARTINS, João Batista. A perspectiva metodológica em Vigotski: o materialismo dialético. *Semina-Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v.15, n.3, p.287-295, set. 1994.

MARX, K.; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MEIRA, M. E. M. Desenvolvimento e aprendizagem: reflexões sobre as relações e implicações para a prática pedagógica. *Revista Ciência e Educação*, v.5, n.2. Bauru: UNESP, 1998.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; SILVA, Vandeí Pinto da; MILLER, Stela (Org.). *Marx, Gramsci e Vigotski: aproximações*. Araraquara: Junqueira & Marin; Marília: Cultura Acadêmica, 2009.

NAMURA, M. R. Por que Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia. *Psicologia Educacional*, v.19, p.91-117, 2004.

OLIVEIRA, M. K. Implicações Pedagógicas do modelo histórico-cultural. *Cadernos do CEDES*, Campinas, v.35, p.97-113, 1995b.

_____. Mesa-redonda: três perguntas a vygotkianos, wallonianos e piagetianos. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, v. 76, p.57-64, 1991.

_____. *Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 1995a.

_____. *Vigotski e o Materialismo Dialético: uma introdução aos fundamentos filosóficos da psicologia histórico-cultural*. Pato Branco: FADEP, 2005. (Prefácio e Pós-fácio).

_____. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

PASQUALINI, J. C. A Perspectiva Histórico-Dialética da Periodização do Desenvolvimento Infantil. *Psicologia em Estudo*, v.14, p.31-40, 2009.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotski e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 24, p.32-43, mar. 1991.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO JR., Bento. A essência da filosofia oscila conforme fazemos oscilar a essência da linguagem. Dois estilos de Hegel. São Paulo, *Folha on-line*, 1999. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_2_3.htm. Acesso em: 06 fev. 2012.

SAVIANI, Demerval. Contribuições da Filosofia para a Educação. *Em Aberto*, Brasília, v.9, n.45, p. 3-9, jan/mar. 1990.

SCHMIDT, S. J. *Linguística e Teoria do Texto*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski: prosa poesia*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. *Os escombros e o mito: a cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Turbilhão e semente*. Ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. São Paulo: Duas cidades, 1983.

SEPÚLVEDA, Cláudia de A. Serra; EL-HANI, Charbel. Quando visões de mundo se encontram: Religião e Ciências na trajetória de formação de alunos protestantes de uma Licenciatura em Ciências Biológicas. *Investigação em Ensino de Ciências* (Online). Porto Alegre, v.11, n.1, p.29-51, 2006. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID143/v11_n1_a2006.pdf. Acesso em: 6 fev. 2012.

SILVA, F.G.; C. DAVIS. Conceitos de Vigotski no Brasil: produção divulgada nos Cadernos de Pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v.34, p.633-661, 2004.

SIMÕES, Darcília. *Estudos Semióticos Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004.

SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação e Sociedade*. Campinas, v.XXI, n.71, p.45-78, jul. 2000.

SMOLKA, A. L. B. Sobre significação e sentido: uma contribuição à proposta de rede de significações. In: ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. (Org.). *Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p.35-49.

SOUZA, Solange Jobim e. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SOUZA, Solange Jobim e; FREITAS, Maria Teresa; KRAMER, Sonia. *Ciências Humanas e Pesquisa*. Leituras de Mikail Bakhtin. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

SZUNDY, P. T. C. Jogos de linguagem como gêneros no processo de ensino-aprendizagem de LE para crianças. *Trab. linguist. apl.*, v.48, n.2, p.275-294, dez. 2009. ISSN 0103-1813

TEZZA, Cristovão. *Entre a Prosa e a Poesia*. Bakhtin e o Formalismo Russo. São Paulo: Rocco, 2003.

TEZZA, Cristovão; FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto de. *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Vozes, 2006.

TODOROV, T. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Os gêneros do discurso*. Tradução Ana M. Leite. Lisboa: Edições 70, 1981.

TUNES, E.; PRESTES, Z. Vigotski e Leontiev: Ressonâncias de um passado. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, v.39, n.136, p.285-314, jan/abr. 2009.

VAZ, Henrique C. de Lima. Prefácio. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do Espírito*. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999c.

_____. S. *O desenvolvimento psicológico da criança*. Tradução do espanhol por Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. *Psicologia da Arte*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. *Teoria e método em psicologia*. Tradução do espanhol por Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. 2.ed. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *A formação social da mente*. Tradução do inglês por José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991a.

_____. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

_____. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R. *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Tradução do inglês por Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. 6.ed. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

WERNER, Jairo; ESPÍRITO SANTO, Katia Alves do. Desenvolvimento e aprendizagem da criança. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v.1, n.3, p.99-110, 1993.

XIMENES, V.M. *et al.* O conceito de “sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v.21, n.2, p.174-181, 2009.

Submetido em 02/07/2012, aprovado em 24/11/2013